

RESUMO DO SIMPÓSIO TEMÁTICO: HISTORIOGRAFIA E ESCRITA DA HISTÓRIA

TEMA: OS ÍNDIOS E A CONQUISTA DO “SERTÃO” NA HISTORIOGRAFIA PARAIBANA.

Paulo Henrique Marques

1-Introdução.

O presente estudo é resultado de nosso trabalho de conclusão do curso de graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba, na forma de monografia, no segundo período do ano de 2002.

Nunca foi pretensão nossa fazer uma verdadeira história da historiografia paraibana a respeito dos índios do sertão e de sua participação no processo de conquista da região no período colonial. De um modo geral, esta historiografia não se furtou em destacar a presença dos índios neste processo, gerando desta forma, um volume de informações relativamente grande a respeito desse tema. Pretendemos tão somente, partindo do particular (analisando três representantes da historiografia paraibana que apontaremos adiante) para o geral, tentar vislumbrar algumas rupturas ou mesmo tendências gerais a respeito do tema em questão a partir dos escritos destes historiadores.

2-Sobre a natureza dos trabalhos historiográficos.

A relativa facilidade que os historiadores dispõem atualmente no que diz respeito ao acesso as fontes primárias, obras especializadas e novos métodos de pesquisa histórica, torna contraproducente o estabelecimento de qualquer tipo de comparação qualitativa entre o presente e o passado historiográfico. Na opinião de Silva, os trabalhos historiográficos devem se deter principalmente a “*rastrear o que tem sido produzido de significativo em determinados campos do conhecimento e também recuperar para o presente autores e textos que, apesar de importantes, possam por alguma razão ter ficado no olvido*” (2001:13). Assim sendo, fica claro a importância dos trabalhos historiográficos no sentido de traçar a trajetória de um determinado tema histórico ao longo do tempo procurando situá-lo no momento em que foi produzido, tentando, quando possível, associar os autores e suas obras ao que o autor citado chama de “*nicho de periodização da historiografia*” (SILVA, 2001: 17).

Realizar um trabalho historiográfico a respeito de autores paraibanos é obra dificultada pela quase ausência de estudos historiográficos sobre estes autores e suas obras. De fato, tivemos a oportunidade de observar, em nosso estudo, que trabalhos dessa natureza são dificultados pela falta de uma visão geral da historiografia paraibana, de suas características, tendências e momentos de ruptura.

No que se refere a questões de ordem metodológicas, todo trabalho historiográfico requer uma estratégia de análise adequada a seus objetivos e particularidades. Dentre as varias possibilidades possíveis, optamos por um critério ao mesmo tempo temático e cronológico, ou seja, elegemos um determinado tema e procuramos entender como este foi abordado pelos historiadores analisados por nós, seguindo assim, a ordem cronológica da produção das obras que nos serviram como referência, ou seja, optamos por definir como um determinado tema tem sido abordado por vários autores ao longo do tempo.

Dito isto, fica manifesto que um trabalho de natureza historiográfica deve se ater às especificidades do “lugar” de onde fala o autor, ou seja, das influências sócio-culturais que “contaminam” seu trabalho. Trata-se então, de desvendar os “lugares” sociais, econômicos, culturais, etc, de que fala aquele que produz o conhecimento histórico. Em trabalhos desse tipo devemos não somente observar a conjuntura histórica em que determinadas obras foram produzidas, mas igualmente a “relatividade histórica” que “*compõe, assim, um quadro onde, sobre o fundo de uma totalidade da história, se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores*” (Certeau, 1987: 67).

Além disso, é importante observar a forma de explicação histórica adotada pelo historiador, bem como, a relação do pensador com o determinado grupo ou instituição social a que esteja ligado. Em relação a este último aspecto, é importante frisar que os três representantes da historiografia paraibana que nos propusemos a analisar estão ligados a uma instituição do saber que, a partir de determinadas características, acabou por influenciar a forma de pensamento histórico destes autores. Trata-se do **Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, que desde o início do século passado funciona como um lugar onde circularam os historiadores que produziram boa parte da História da Paraíba.

3-Os índios e a historiografia

Os índios tomaram papel de destaque na produção historiográfica do século XIX numa perspectiva de destacar o papel e a importância do projeto civilizador da cultura branca. Além disso, não podemos perder de vista, que dentro do projeto maior da historiografia desse período (os traços de unidade nacional brasileira) encontra-se uma grande preocupação com as origens da nação e neste contexto os índios não podiam ficar excluídos.

Para além das diversas visões que foram lançadas sobre os índios, pela historiografia do período, predominaram as ligadas aos Institutos Históricos e Geográficos onde podemos observar determinados traços gerais que caracterizam estas visões. Primeiro, a idéia de que os índios teriam, desde o período colonial brasileiro, que ser integrados a cultura branca. Segundo, que esta integração poderia ser feita através do estabelecimento de relações econômicas, da educação e cristianização destes índios. Por fim, que o Estado deveria orquestrar este processo como forma de preservar a integridade física dos índios. De fato, como pudemos observar, em nosso estudo, estes elementos constituíram a base das interpretações lançadas sobre os índios do sertão pela historiografia paraibana.

4-Os índios do sertão e a Guerra dos Bárbaros

Segundo Pedro Puntoni, a historiografia oitocentista deu pouco ou nenhum destaque a “Guerra dos Bárbaros”, nome pela qual ficou conhecida na historiografia os conflitos armados entre colonizadores e índios na conquista do sertão. Prova disso, segundo ele, é o fato de Varnhagen ter dedicado apenas duas páginas a este processo histórico na sua **“História Geral do Brasil”**. Ainda segundo Puntoni, no século passado, duas vertentes da historiografia passaram a dar um destaque maior a esse tema. A primeira foi à historiografia regional, dos estados nordestinos que foram palco deste processo. A outra, foi à historiografia do final do século passado que, a partir de abordagens e perspectivas renovadas sobre a História Indígena acabou produzindo obras de referência obrigatória sobre a “Guerra dos Bárbaros”, a exemplo do livro de Maria Idalina da Cruz Pires, **“Guerra dos Bárbaros: resistência indígena e conflitos no Brasil Colonial”** e da obra do próprio Pedro Puntoni, **“A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720”**.

A historiografia paraibana não fugiu a esta regra. Não se furtou em destacar, na maioria dos casos, o processo de conquista do sertão paraibano e os conflitos interétnicos decorrentes deste. Os historiadores paraibanos concordam em afirmar que o século XVII não pode ser entendido se não levarmos em consideração, pelo menos no que se refere à região Nordeste, as invasões holandesas, a restauração portuguesa e a conquista do sertão. No que se refere a este último tema, o avanço colonial rumo ao oeste nordestino inicia-se logo após a expulsão dos holandeses da região, portanto, a partir de meados do século XVII. Este avanço colocou em contato os agentes coloniais e os índios do sertão. Os primeiros tinham por objetivo tomar as terras indígenas para sua efetiva colonização e a preação e venda dos índios como escravos, como se sabe, um vantajoso negócio colonial. Alguns grupos indígenas por sua vez reagiram a este avanço na forma de guerras ou mesmo fugas, fazendo da região a mais belicosa do Brasil colonial a época.

5-Apresentando os historiadores.

Escolhemos desta forma, três representantes da historiografia paraibana através dos quais procuramos entender como os índios e a conquista do sertão foram abordados. São eles; Celso Mariz, Horácio de Almeida e José Octávio de Arruda Mello. Cabe agora, algumas breves palavras a respeito do sentido dessa escolha.

Optamos por eles, primeiro porque eles deram bastante destaque, em suas obras, ao tema que escolhemos fornecendo-nos, desta forma, uma gama de informações suficientes para o desenvolvimento do nosso trabalho. Depois, porque suas obras mais representativas, a respeito desse tema, foram produzidas em períodos diferentes durante o século XX: Mariz, nas primeiras décadas, Almeida, a partir de meados do mesmo século e Mello, nas últimas.

6- A historiografia paraibana e os índios do sertão.

Entender de que forma a historiografia paraibana procurou interpretar os índios do sertão e sua participação no processo de conquista e colonização da região a partir de meados do século XVII, se constitui, no principal objetivo da primeira parte de nosso estudo.

Ao longo do tempo, os índios tem sido abordados de formas muito distintas pela história. Apesar disso, pesa sobre eles, quase sempre, um olhar que os condena a participantes marginais e agentes passivos dos processos históricos. Neste sentido, procuramos compreender, em nosso trabalho, como e a partir de que influências e pressupostos a historiografia paraibana construiu a imagem dos índios que ocupavam o sertão da Paraíba na época da conquista bem como, as formas de contato interétnico e interações sociais entre os índios e os agentes colonialistas.

Fruto do processo de formação do Estado Nacional Brasileiro, a historiografia do século XIX e primeiras décadas do século XX procurou fundamentar suas análises na busca de elementos sócio-culturais e étnicos que fornecessem os traços que pudessem configurar, ainda no período colonial, uma “nacionalidade brasileira”. Além disso, existiu uma certa tendência dessa historiografia de utilizar-se de pressupostos raciais, então em pleno uso, a partir de meados do século XIX. As formas como estas teorias foram utilizadas na historiografia paraibana revela, que o apego pela sociedade e cultura européia já havia se solidificado nessa historiografia. Não obstante, esse apego, por assim dizer, forneceu os subsídios que, de uma forma ou de outra, constituíram a base de legitimação para a assimilação das sociedades indígenas.

No entanto, não podemos nos esquecer que essa assimilação só poderia se dar, no entender de boa parte dessa historiografia, pela via da miscigenação racial, fruto, aliás, de nossa experiência histórica colonial que esses historiadores não se furtaram em destacar. Nesse quadro, fica claro que a relação estabelecida entre as “raças” e o processo civilizador esteve sempre presente na produção historiográfica do período.

Afora as diferenças de pontos de vista entre os historiadores paraibanos, no que diz respeito à forma como eles enxergaram os índios do sertão, algo pudemos constatar de comum entre eles, ou seja, que está presente no discurso de todos, apesar de aparecer com intensidades diferentes. Trata-se da forma como, em suas narrações históricas, os indígenas aparecem sempre como agentes passivos do processo histórico. De fato, muitos autores fazendo referências e destacando o papel relevante que os indígenas desempenharam nos processos históricos coloniais, tendem a colocar os indígenas sempre como participantes marginais do processo, sofrendo as ações e refletindo as ações desencadeadas pelos interesses dos agentes colonialistas. Dificilmente em suas narrações, os indígenas parecem ter vontade e interesses próprios, tendo sempre suas ações e posturas condicionadas às ações desencadeadas pelos colonizadores.

Ao mesmo tempo, dificilmente encontramos nessa historiografia algo relativo às formas como alguns povos indígenas contribuíram para o sucesso do processo de conquista e colonização do sertão paraibano no que tange ao seu apoio bélico aos agentes colonialistas na luta contra os povos indígenas sublevados. Como se sabe, hoje

é relativamente bem conhecida a participação dos índios como braço armado dos empreendimentos colonialistas.¹

7- Os conflitos interétnicos da Guerra dos Bárbaros na historiografia paraibana.

O principal objetivo do presente tópico foi analisar a forma como a historiografia paraibana enxergou a expansão colonial rumo ao interior da Paraíba, a partir da segunda metade do século XVII até as primeiras décadas do século XVIII, bem como, o conflito armado envolvendo os agentes colonizadores e os índios do sertão, que surgiu como consequência direta desse avanço, que passou a ser denominado de “Guerra dos Bárbaros” ou “Confederação dos Cariris”

A historiografia paraibana, de modo geral, identifica a existência de índios ocupando o sertão antes e durante o processo de colonização da região, e o fato de ter havido uma verdadeira guerra pela conquista da região envolvendo os índios e os agentes colonizadores. A historiografia paraibana respalda, de formas diferentes, no caso dos historiadores analisados por nós, a importância histórica desse processo que culminou com a “Guerra dos Bárbaros”.

Trata, por exemplo, de descrever com bastante interesse as raízes desta conquista, ou seja, seus momentos iniciais bem como, os motivos que a impulsionaram. Digno de nota, neste aspecto, é a visão heróica dos bandeirantes paulistas e de suas ações belicosas, que, segundo esta historiografia, foi de fundamental importância no sucesso da conquista por parte dos colonizadores. Ou seja, procuraremos entender, nesta parte do trabalho, a partir dos representantes da historiografia paraibana analisados aqui, o processo de conquista do sertão, enfatizando os prováveis motivos que levaram naquele momento, a interiorização da conquista, como esta se deu inicialmente, quais as consequências mais imediatas desse processo, a saber, a “Guerra dos Bárbaros”.

Afora as diferenças existentes entre os historiadores analisados por nós no que diz respeito à conquista do sertão e a participação dos índios nesta, existe algo que aproxima, não só os três historiadores analisados por nós neste trabalho, como também, a historiografia paraibana como um todo, que aborda esse palpitante tema. Refiro-me ao fato dessa historiografia considerar que a “Guerra dos Bárbaros” representou uma aliança, uma confederação de diversos grupos indígenas contra os agentes colonialistas em vias de expansão rumo ao sertão. Recentes trabalhos a respeito desse tema, a exemplo de Pedro Puntoni, têm se contraposto a essa perspectiva aliancista por parte dos índios, sugerindo ao contrário que o que se observou foi na verdade um conjunto heterogêneo e desarticulado de conflito em reação ao avanço colonial na região.

8-Conclusão.

A historiografia paraibana é majoritariamente unânime em apontar a importância histórica do processo de expansão colonial rumo ao sertão a partir de meados do século XVII. A partir desse pressuposto e de nosso interesse particular pelo tema procuramos, neste trabalho de cunho historiográfico, entender como esta historiografia se posicionou em relação este processo.

Os três representantes da historiografia paraibana também concordam em ver na “Guerra dos Bárbaros” uma reação articulada dos índios do sertão contra os invasores coloniais. Esta hipótese é bastante contestada em trabalhos mais recentes da historiografia especializada sobre este tema. Contudo, mais importante que isso é o fato destes historiadores não terem conseguido enxergar com precisão o papel ativo desempenhado por vários grupos indígenas no contexto deste conflito. Refiro-me as

¹ Uma exceção a esta regra, por exemplo, na historiografia paraibana, é esta passagem de Maximiano Machado, em que ele relata a participação dos sucurus em apoio aos colonizadores..“Deste documento fica manifesto que, si o antecessor do requerente vinha à esta capitania com os Sucurus para defende-la e reparar os assaltos dos tapuyas, acudia de outra parte em auxilio della, e vindo de outro logar com aquelles índios é que estes não eram da Parahyba:” (MACHADO, 1912: 345).

alianças de muitos destes povos com os agentes coloniais em luta contra os índios rebeldes. Só a tomada de consciência, por parte dos historiadores, deste tipo de postura pode destacar o papel autônomo e ativo dos índios neste e em outros processos que se façam presentes.

Por fim, gostaríamos de destacar a importância dos historiadores que serviram de referência para o nosso estudo destes e de tantos outros historiadores paraibanos taxados de metódicos, positivistas, tradicionais, etc, mais que tanto contribuíram para a História da Paraíba, desvendando fontes e construindo interpretações históricas importantes. Além disso, vale destacar a importância que a historiografia paraibana, vinculada ao “Instituto Histórico e Geográfico”, atribuiu a conquista do sertão da Paraíba e da participação dos índios neste processo. Para além da forma como os índios do sertão da Paraíba foram interpretados, o importante é que seu papel histórico foi destacado por esta historiografia.

9- Bibliografia:

- ALMEIDA, Elpídio de. História de Campina Grande. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.
- ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.
- _____. Brejo de Areia. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- CUNHA, Manuela Carneiro da.(org) História dos Índios no Brasil. São Paulo: FAPESP, Cia das Letras, 1992.
- DIAS, Margarida Maria dos Santos. Intrépida Ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico e a Produção de História Local. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora LTDA, 1996.
- FERNANDES, João Azevedo. De Cunha a Mameluca: Em Busca da Mulher Tupinambá. Recife: Dissertação de Mestrado da UFPE, 1997.
- FREIRE, Carmem Coelho de Miranda. História da Paraíba: Para Uso Didático. João Pessoa: A União Cia Editora, 1981.
- GURJÃO, Eliete de Queiroz. “Resistência Indígena e Dominação dos Sertões”. IN: GURJÃO, Eliete de Queiroz e LIMA, Damião de (org). Estudando a História da Paraíba. Campina Grande: EDUEF, 2001.
- HARTOG, François. “A Arte da Narrativa Histórica”. IN: BOUTHER, Jean e JULIA, Dominique. Passados Recompuestos. Campos e Canteiros da História. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.
- JOFFILY, Irenêo. Notas Sobre a Parahyba. Brasília-DF: Thesaurus Editora, 1892.
- MACHADO, Maximiano Lopes Machado. História da Província da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB. TOMO II, 1977.
- MAIA, Sabiniano. Itabaiana: Sua História - Suas Memórias (1500-1975). João Pessoa: A União Cia Editora, 1976.
- MARIZ, Celso. Apanhados Históricos da Paraíba. João Pessoa-PB: A União Editora, 1994.
- _____. Através do Sertão. Imprensa Oficial Paraíba do Norte. Edição Fac-similar, 1910.
- _____. Evolução Econômica da Paraíba. 2/ed .João Pessoa: A União, 1978.
- MELATTI, Júlio César. Índios do Brasil. São Paulo: HUCITEC/INL, 1980.
- MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba: Lutas e Resistência. 4ª ed. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 1997.
- _____. A Paraíba das Origens a Urbanização. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/ FUNAPE, 1983.
- PINTO, Irineu Ferreira. Datas e Notas para a História da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1977.

- PINTO, Luis Teixeira de Meneses. Fundamentos da História e do Desenvolvimento da Paraíba. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A, 1973.
- MEDEIROS, Ricardo Pinto de. A Redescoberta dos Outros: Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial. Recife: Tese de Doutorado-Programa de Pós Graduação em História da UFPE, 2000.
- PIRES, Maria Idalina da Cruz. Guerra dos Bárbaros: Resistência Indígena e Conflitos no Nordeste Colonial. Recife: FUNDARPE, 1990.
- PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros. Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil. 1650/1720. São Paulo: Tese de Doutorado-Programa de Pós Graduação de História Social da USP, 1998.
- . Tupi ou não tupi? Uma Contribuição ao Estudo da Etnohistória dos Povos Indígenas do Brasil Colônia. In: ETHNOS, Recife, N.2, 05/19,1998.
- SILVA, Rogério Forastieri da. História da Historiografia: Capítulos para uma História das Histórias da Historiografia. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- TERCEIRO NETO, Dorgival. Celso Mariz - Uma Legenda entre os Melhores Escritores Paraibanos. João Pessoa: IHGP, S/D (Coleção Historiadores Paraibanos. No 10).
- VAINFAS, Ronaldo. A Heresia dos Índios. Catolicismo e Rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Cia das Letras,1995.
- VASCONCELOS, Amaury. Horácio de Almeida - Historiador Maior. João Pessoa: IHGP, S/D (Coleção Historiadores Paraibanos. No 04).